



“OLHEM PARA AS MULHERES NEGRAS DO BRASIL, POIS EU APRENDI MUITO MAIS COM ELAS DO QUE VOCÊS PODEM APRENDER COMIGO”

Eixo Temático INSURGÊNCIAS DECOLONIAIS, DO FEMINISMO NEGRO E CUIR (QUEER) NA CONSTRUÇÃO DE POÉTICAS OUTRAS DA REVOLTA

Driéle Luize Souza da Silva ¹
Eugèrbia Paula da Rocha ²
Julia da Fonseca Lopes ³
Raquel Brandão Pereira ⁴

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar autoras negras brasileiras e suas contribuições no que diz respeito às mulheres, raça e classe. Para isso, fizemos um levantamento bibliográfico, ancorando-nos nas teorias e narrativas das autoras Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Maria Beatriz Nascimento, Benedita da Silva e Sueli Carneiro, entendendo que suas obras e trajetórias oferecem uma perspectiva centralizada nas mulheres negras e demonstram a importância de uma análise interseccional para compreender as experiências dessas mulheres, pois ao fazer o cruzamento dos marcadores sociais da diferença, é possível perceber as múltiplas formas de opressão que enfrentam e a necessidade de levar em conta as especificidades de cada grupo social.

Palavras-chave: Autoras Negras, Levantamento Bibliográfico, Análise Interseccional.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio grande (FURG), drile_rig@hotmail.com;

² Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, integrante do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências (PEmCie/FURG), eugerbiorochabs@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ju.flopes@hotmail.com;

⁴ Doutora em Educação em Ciências, professora associada do Instituto de Educação da FURG, atuando no PPG em Educação e no PPG em Educação em Ciências, pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências (PEmCie). E-mail: raquelquadrado@hotmail.com. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Orientadora do trabalho.



INTRODUÇÃO

Começamos este estudo, trazendo no título uma fala da autora Angela Davis, em uma de suas visitas ao Brasil, em que ela reconhece a produção de conhecimento das autoras negras brasileiras. Este resumo expandido consiste em um levantamento bibliográfico, com foco nas produções dessas autoras, com o objetivo de destacar as suas contribuições na construção de uma perspectiva interseccional sobre raça, gênero e classe no Brasil. Dessa forma, partimos do entendimento que a sociedade brasileira é marcada por diferentes formas de desigualdades estruturais, sendo necessário considerar as especificidades de cada grupo, aqui neste trabalho, as mulheres negras. Nesse sentido, a partir das lentes de Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Maria Beatriz Nascimento, Benedita da Silva e Sueli Carneiro, buscamos a perspectiva interseccional, tal “conceito é uma sensibilidade analítica pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas” (Carla Akotirene, 2019, p. 14) para pensar essa sociedade.

De acordo com Kimberlé Crenshaw, que foi a autora que deu o nome a este cruzamento de opressões, “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (2002, p. 177). Ainda segundo ela, “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (2002, p. 177). A seguir apresentaremos os caminhos metodológicos para desenvolver este estudo.

METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos neste estudo, baseia-se em um **levantamento bibliográfico afroreferenciado**, com abordagem qualitativa, voltado para as produções de algumas autoras negras brasileiras que são referência dentro da ideia de perspectiva interseccional da/na sociedade. Este movimento permitiu a percepção de rupturas sociais, a partir das experiências narradas pelas autoras.



AFROREFERÊNCIA

Diante de um cenário histórico marcado pela invisibilidade, a escrita negra surge como uma voz profunda e resistente, desenhando histórias que ultrapassaram séculos de dificuldades e desafios. Nesse sentido, pretende-se aqui apresentar as contribuições de autoras negras na construção da história afro-brasileira, já que foi a partir delas que se tornou possível compreender a realidade de muitas mulheres negras e escrever suas experiências, abrindo um caminho para que outras escritas surgissem.

A primeira autora que apresentamos é **Lélia Gonzalez**, intelectual que percebeu a interseccionalidade de gênero, raça e classe social de forma pioneira no contexto brasileiro. Filósofa, antropóloga e professora, foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), além de ter sido integrante do primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e participante dos debates para elaboração da Constituição de 1988. Lélia Gonzalez traz em seu legado a luta pela igualdade racial, de gênero e dos direitos das comunidades negras no Brasil (Eloiza Gurgel Pires, 2022).

No contexto brasileiro, uma das mais importantes intelectuais negras é Lélia Gonzalez, que nasceu em 1935 na cidade de Belo Horizonte, e migrou para o Rio de Janeiro com seus irmãos. Filha de um operário e de uma empregada doméstica, quando adolescente trabalhava como doméstica e, apesar das dificuldades, conseguiu diplomar-se em História, Geografia e Filosofia. Posteriormente, ocupou o lugar de professora universitária. Teve um matrimônio inter-racial, frequentou diferentes lugares de prestígio da classe média branca, simultaneamente também teve experiências com preconceitos e discriminação, o que pode ser visto como uma motivação para ingressar na luta contra o racismo no Brasil.

Na sequência, destacamos a trajetória de **Carolina Maria de Jesus**, uma das primeiras escritoras negras a alcançar reconhecimento nacional, atravessando as barreiras tradicionais da literatura brasileira. Essa autora, segundo Carolina da Rosa e Gilberto da Silva (2020, p. 2), foi “uma escritora internacionalmente reconhecida, cuja obra foi, por décadas, negligenciada pelos livros de literatura brasileira”. Sua biografia vem ganhando visibilidade nos últimos tempos. Através de sua escrita direta, podemos pensar nas



condições de pobreza, de marginalização e nas angústias de pessoas como ela, que morava na favela, ao narrar em seu famoso livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*:

Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato pra vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite pra Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás, no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa pra dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça (Carolina Maria de Jesus, 1960, p. 9).

Esse trecho, retirado da obra *Quarto de Despejo* (1960), demonstra a realidade enfrentada pela autora Carolina Maria de Jesus, uma vivência difícil, não só passada por ela, sendo vista como uma denúncia da precariedade do contexto em que ela vivia e que outras mulheres também vivem, marcado pela pobreza, pelo trabalho extenuante e pela luta cotidiana para sobreviver. Ainda que situada em outro contexto, a próxima autora que analisamos nesta pesquisa é **Maria Firmina dos Reis**, que também utilizou a escrita para atravessar as estruturas de poder que invisibilizavam sua existência na época.

Autora de romances, poetisa e professora de primeiras letras, a maranhense **Maria Firmina dos Reis** é, hoje, reconhecida na literatura brasileira como fundadora da literatura afro-brasileira (Eduardo Duarte, 2000). Sua obra *Úrsula* foi publicada em 1859, abordando temas como discriminação racial, escravidão, a condição da mulher negra da época, entre outros, sendo o primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina. Segundo Maria Helena Machado (2019, p. 94), essa autora “foi a representante maior de um gênero quase desconhecido no país, o da literatura abolicionista, que expunha os horrores da escravidão sem transferir para as costas dos escravos e escravas todos os males das sociedades escravistas”. Segundo Zahidé Muzart (2000, p. 264), “Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *O Federalista* e outros”. Essa autora levou para a imprensa a voz das mulheres negras, através das suas escritas literárias.

A professora, jornalista e política **Antonieta de Barros** é outro nome importante neste levantamento. Foi a primeira mulher negra a ser eleita deputada estadual em Santa Catarina, em 1934. Seu legado é lembrado por sua luta pelos direitos das mulheres e dos



negros no Brasil. Com o pseudônimo de Maria da Ilha, escreveu textos sobre diferentes temas como: feminismo, educação, literatura, guerras e desigualdades sociais. Essa autora, além de ser conhecida por esse nome, também teve outra marca registrada: sua coluna, denominada “Farrapos de Ideias”, que daria nome ao livro que publicou em 1937 (Daiana da Silva; Christiane Luciano, 2016). Antonieta de Barros tem em sua trajetória uma grande contribuição de representatividade para as mulheres negras, principalmente na política.

A cineasta e historiadora **Maria Beatriz Nascimento (1942–1995)** contribuiu para a reinterpretação dos quilombos como espaços de resistência ativa e continuidade cultural. Foi participante ativa do movimento negro no Brasil, desde 1960. Escreveu textos, poemas, roteiros, ensaios e estudos teóricos, entre os quais se destacam: *Por uma história do homem negro* (1974), *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso* (1982) e *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985) (Diego Reis, 2022).

A autora tinha formação em História, seguindo a carreira docente juntamente com atividades de pesquisa, o que lhe deu subsídios para a primeira análise da produção historiográfica no que diz respeito aos marcadores sociais de corporeidade e subjetividade de caráter racial (Rafael Trapp, 2023). Segundo Alex Ratts (2021), desde suas primeiras escritas publicadas, os temas sobre mulher negra e interseccionalidade de raça, classe e sexo se sobressaem, antes mesmo do termo “gênero” tornar-se corrente nos estudos e no ativismo feminista.

A trajetória de **Benedita da Silva** (conhecida como Bené) também é importante neste percurso. Professora, servidora pública, auxiliar de enfermagem, assistente social e ativista do movimento negro e feminista, filiada ao partido dos Trabalhadores (PT), Benedita foi a primeira senadora negra do país e a primeira vereadora negra da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Por fim, **Sueli Carneiro**, fundadora e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra⁵, uma organização que promove a igualdade racial e de gênero. Sueli Carneiro é conhecida por suas contribuições acadêmicas e ativismo, defendendo os direitos das mulheres negras e questionando o racismo estrutural na sociedade brasileira. Esta autora

⁵ Disponível em: <https://geledes.org.br/sueli-carneiro-uma-voz-em-prol-do-feminismo-negro>.



nos ajuda a entender que, desde os primórdios da educação formal no país, as mulheres enfrentaram obstáculos para ingressar no ensino superior e para exercer cargos de docência nas universidades. No Brasil colonial, a educação formal era restrita e o acesso das mulheres ao ensino superior era praticamente inexistente. A maioria das instituições educacionais estava voltada para homens e, mesmo quando as mulheres tiveram acesso a escolas superiores, enfrentaram restrições e preconceitos que limitavam suas possibilidades de ingresso e progresso acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essas autoras negras brasileiras enfrentaram desafios significativos e suas contribuições são inegáveis. É importante reconhecer e valorizar sua presença que promove ações para superar as desigualdades estruturais, de modo que a diversidade e a inclusão sejam pilares para a construção social mais justa e enriquecedora (Cláudia Vianna, 2002).

A partir desse levantamento, ficou evidente que essas autoras, embora de diferentes contextos e áreas de atuação, têm experiências semelhantes, como diz Conceição Evaristo (2013), “histórias coletivas”, onde afirmam em suas trajetórias o direito de existir, abrindo caminhos para a visibilidade e a valorização do conhecimento, pois suas obras mostram os atravessamentos históricos de silenciamento e desigualdade, mas também apresentam as resistências cotidianas.

As autoras apresentadas nos ajudam a entender a transformação das estruturas sociais que sustentam as desigualdades no Brasil, pois elas denunciam os efeitos de verdade sobre o racismo, do sexismo e da desigualdade de classe. Fica evidente nas suas escritas, a potência dos lugares historicamente silenciados, pois nestes emerge o pensamento social e sua contribuição na produção de conhecimento.

Por fim, entendemos que ao se posicionarem a partir de suas vivências, individuais e coletivas, as autoras reivindicam o direito de narrar o mundo com suas próprias palavras, trazendo novas epistemologias que estão ancoradas na escrevivência, na ancestralidade e na memória: “uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera”, como afirma Conceição Evaristo (2020, p. 35).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos em trazer essas autoras negras, pois percebemos a contribuição dessas mulheres na história da literatura brasileira. Ao incluir essas autoras, reconhecemos a diversidade de escrituras, que oferecem uma perspectiva singular e ao mesmo tempo coletiva sobre questões sociais, políticas e culturais. A potência de suas contribuições está imersa na possibilidade de pensar um país, a partir de outros contextos que atravessam a história da população negra brasileira.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. 3. reimp. São Paulo: Letramento 2020. (Feminismos plurais).

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

DUARTE, Eduardo de Assis. Pós-fácio. *In*: MUZART, Zahidé Lupinacci. “Maria Firmina dos Reis”, livro organizado pela mesma. **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2000, p. 264-84.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento da escritora Conceição Evaristo**. *In*: V Colóquio Mulheres em Letras, 20 abr., Belo Horizonte: UFMG, 2013. (62 min.). Publicado pelo canal Marcos Alexandre. Disponível em: <https://youtu.be/heHftI429U4?si=6L4SfqoJluzRqHzF>. Acesso em: 03 mar. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escritura e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escritura: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

PIRES, Eloiza Gurgel. O legado de Lélia Gonzalez. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, p. e262088, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.262088>

RATTS, Alex. Introdução. *In*: NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 7-33.



REIS, Diego dos Santos. Beatriz Nascimento. *In: Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/beatriz-nascimento>. Acesso em: 03 mar. 2025.

SILVA, Daiane Severo da. **Gênero, raça e classe: discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias**. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

TRAPP, Rafael Petry. Raça, corporeidade e subjetividade em Beatriz Nascimento e Eduardo de Oliveira e Oliveira. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15848/hh.v16i41.1992>

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100003>